

SENHOR PRESIDENTE, faz quase 40 anos que sou juiz, e, ao largo destas quatro décadas, **alegrias**, nesta carreira que tem muito de sacerdotal (*ministrī Dei sumus*), **alegrias** misturei a tristezas, **contentamentos** a ilusões frustradas, **projetos bem sucedidos** a planos abdicados, nisto que é muito próximo de um resumo correntio das vitórias e traumas de todos os magistrados.

Mas destes quase 40 anos, se algo tenho a destacar em meu *curriculum vānitātum* é o fato ímpar de premiar-se minha carreira com a Presidência do 185º Concurso de Ingresso na Magistratura de São Paulo. Já por ter sido este prêmio uma outorga muito generosa do egrégio Órgão Especial desta Corte, a que não posso menos do que render o melhor de minha homenagem. Já por me dar ensejo ao convívio quase diário com almas da têmpera eleita dos Desembargadores Artur Beretta, Wanderley Federighi e Alex Zilenovski, e do Professor e Advogado Eduardo Arruda Alvim, aos quais nomes justo é acrescentar os dos Desembargadores

Luciana Bresciani e João Batista Rebouças de Carvalho, integrantes da Comissão multiprofissional que tão bem e gravemente acolitou a Comissão de Concurso do 185. Faltam-me agora palavras –e elas me faltarão para sempre–, palavras que possam sintetizar a emoção que havia em conviver com o ânimo perseverante de justiça e de fervor institucional que me ensinava e distribuía esta gente de coração nobilíssimo, inteligência e cultura notáveis, que integrava as Comissões do 185.

Dois anos e pouco passaram-se, e aquele grupo de concursantes recrutados em um certame que, severo embora, quis sempre tanto ser gentil no trato, quanto justo na avaliação, aquele grupo fez-se nossa renovada magistratura bandeirante. Ei-los já todos –**somos juízes**–, provados nas primeiras experiências da vida judiciária, experiências gratas, mas já também dolorosas, ei-los já todos, **somos juízes**, portando a bandeira de nossa tradição paulista quase sesquicentenária.

Zelo tenho agora, em verdade, por sua sorte, pois quisera eu, fosse o moço que já não sou, estar com eles, estes nossos jovens magistrados, por mais largo tempo na trincheira de defesa indeclinável da magistratura, da magistratura que hoje suporta guerras e guerrilhas exteriores, às quais se juntam erosões internas, nesta quadra histórica em que a revolução cultural –sob a influência ideológica dos herdeiros de Gramsci e Marcuse– ameaça desconstruir o fecundo patrimônio que nos foi legado por Nossos Maiores.

Senhor Presidente, quando vai chegando a hora de minha geração passar à reserva, é gratificante, muito gratificante, perseverar na esperança de que esta “**gente do 185**” não permitirá sucumba o pavilhão de nossa Magistratura, e esperar que um dia, bem lá à frente, estes nossos magistrados bradem ainda alto e com justificado orgulho o lema propício que o Des. Beretta cunhou para confessar o pecadilho de vaidade de todos nós: “**Viva o 185!**”